

IDEAL

ORGAN LITTERARIO

ANNO I

Florianopolis, 2 de Dezembro de 1906.

NUM. 28

O IDEAL LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
INTERIOR E ESTADOS	
Trimestre	3\$000
PAGAS ADIANTADAMENTE	

REDAÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—Clementino Britto.
Secretario—Godofredo Oliveira.
Thesourero—Irineu Livramento

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

AMOR DA PATRIA

O amor da Patria é um dos sentimentos que mais nobilitam o homem.

O homem que não ama a sua Patria é incapaz de ser animado por qualquer sentimento generoso e bom.

O estrangeiro que se naturalisa brasileiro, continúa a votar o mesmo amor á terra onde nasceu, embora as vicissitudes da vida o compellissem a abandonar-a.

E esse procedimento é tão louvavel, tão nobre, tão elevado, que seria um absurdo completo exigir-se que—pelo simples facto da naturalisação—um homem renegasse o seu paiz e arrancasse do livro do coração a folha em que está gravado o nome da sua patria.

Só um motivo pode levar o homem a naturalisar-se: a sympathia á terra que o acolheu como filho e que lhe facultou todos os meios de tornar-se independente e feliz, meios que não lhe foi dado encontrar na terra do nascimento.

A naturalisação, pois, não é mais do que uma prova de gratidão do estrangeiro para o paiz que o recebeu.

Ora, o homem em cujo coração acha amplo logar o divino sentimento da gratidão, é por força um homem generoso, bom, sensível, e, por consequencia, incapaz de desprezar a terra

que—bôa ou má, rica ou pobre—deu-lhe a primeira luz da vida.

Aquelle que não tem amor á sua Patria, não ama pais, irmãos, esposa, filhos,—a familia, enfim.

E' um ser sem alma, um coração perverso.

Onde não existe o bem, reina o mal; onde não impéra o amor, predomina a perversidade.

Dizer ao estrangeiro que se naturalisa para mais estreitar os laços que já o prendem ao povo com quem convive:—**RENEGA A TUA PATRIA**,—é o mesmo que dizer-lhe:—Si tens pais, despreza-os; si tens esposa, expulsa-a, do teu lar; si tens filhos, odeia-os! Calca no fundo do coração todos os sentimentos que te nobilitam, e torna-te um bandido, um salteador, um assassino!

O amor que o naturalisado vota á nação onde nasceu, é uma garantia da amizade que consagra á nação onde se naturalisou.

O estrangeiro tem, pois, todo o direito de amar a terra que lhe foi berço; mas esse amor não o auctorisava a menoscar da terra que o acolheu e que lhe offerece todas as seguranças de vida e de prosperidade, nem lhe permite ensinar os filhos a negarem a terra do seu nascimento e a não aprenderem o idioma dessa terra. Isto não só denota um orgulho verdadeiramente estúpido—filho da mais crassa e proterva ignorancia,—como máos sentimentos e máo caracter.

A terra que é boa para vivermos prosperos e felizes, é, por força, boa para ser Patria dos nossos filhos, e deve ser por elles amada com todas as veras d' alma.

(Do livro *Miscellanea*, 1º vol.)

EM CURVATURA

Passou a 28 do mez proximo passado, o anniversario natalicio do nosso estimado collaborador sr. Agenor Nunes Pires, a quem abraçamos.

—Festeja hoje o seu natal o estudioso joven Herodiano Brazilha, colaborador desta folha.

O NAUFRAGIO

Ao José Branco

Serena corria a tarde...

O firmamento ostentava o seu bello manto azulado.

O mar, ondulado por um suave fayonio, beijava docemente as orlas das brancas praias.

Na bahia sul de Santa Catharina, estava ancorado o garboso IRACEMA, procedente do Rio de Janeiro.

Trazia a seu bordo 24 homens de tripolação e 28 passageiros. O commandante, homem de 35 annos, mais ou menos, estava satisfeitissimo com a viagem.

Os marinheiros receberam ordem para desembarcar e o medico de bordo, tendo familia em Santa Catharina, pediu ao commandante para adiar a partida para o dia seguinte.

No outro dia levantaram ferro.

Iam todos contentes. Dançavam, improvisavam concertos e jogos de prendas.

O medico de bordo ia triste e estava só, debruçado na amurada do navio. O immediato foi ao seu encontro e perguntou-lhe:

—Então, Arthur, não queres tomar parte nas nossas festas?...

—Não! respondeu-lhe o medico. Bem sabes que deixei minha adorada mãe e minha querida noiva. Havia dous annos que não tinha o prazer de abraçal-as e hoje quando cheguei em terra e as vi desatei a chorar, porque uma voz dizia-me que era a ultima vez que as via.

Tenho um presentimento de que esta é a ultima viagem que o IRACEMA faz.

O immediato nada respondeu.

Olhou para o firmamento e o vio azulado.

Zombou do amigo e convidou-o para dançar.

—Não! respondeu-lhe Arthur. Desculpa-me se te contrario, mas não posso ir. O immediato deixou-o e foi para o salão.

A' noite estava bella, mas de ma-

drugada começou a soprar um vento frio.

O dia amanheceu escuro e á tarde o nevoeiro torrou-se muito espesso. O IRACKMA devido a cerração, não via diante de si o perigoso cabo que se erguia. De repente o navio sentiu um abalo medonho.

Tinha batido em um rochedo; as machinas fizeram-n'o recuar, mas já era tarde. A abertura, feita pela pedra era grande e a agua entrava prodigiosamente.

Então passou-se uma scena horri-vel.

Mães abraçadas aos filhos, pediam ao commandante que as salvassem.

Um dos passageiros, disparou um tiro nas fontes e cahio banhado em seu proprio sangue.

O commandante estava tranquillo e dava ordem para que os marinheiros lançassem ao mar os escaleres.

Todos gritavam e queriam embarcar ao mesmo tempo.

Felizmente o navio ia pouco a pouco se submergindo e dava tempo para que os passageiros tomassem logar nos escaleres.

Estavam todos embarcados; só o commandante tinha ficado a bordo.

O medico gritou-lhe:

— Venha commandante, ainda ha logar para si.

O commandante respondeu-lhe:

— Não !! Morro no meu posto ! Seria um covarde si o abandonasse.

Adeus !! meus amigos ! Adeus, Arthur ! Abraça por mim os meus queridos filhos e minha adorada esposa ! Adeus ! Adeus ! E o infeliz beijava loucamente, as photographias da esposa e dos filhos. Os escaleres avançaram para terra e d'ahi a cinco minutos, o navio tinha submergido-se levando para o abysmo um heróe, que teve por tumulo o mar immenso, insondavel ! !...

ALCY R. MARGARIDA

BUCOLISMO

A AGILBERTO TELLES

Uma casinha que era um ponto lacteo no meio do campo; a pureza a casar-se com a esperanza; o branco a fazer festas ao verde...

E a sua habitante ? Ah ! era muito bella, bem digna d'aquelle viver descuidoso. Amphitrite a mirar-se no espelho das aguas, conscia de sua belleza, não a sobrepujava.

Era mesmo uma teteia.

E passando os dias no isolamento d'aquelle modesto casal que lhe proporcionava uma vida de negligencia; longe do farfalhar das sedas e do pretencioso luzir das cartolas; segregada do convivio da cidade, onde o epigramma e a satyra são a predilecção de todos, — fruíra uma existencia bem invejavel.

O seu mundo era aquillo ali e não se lhe podia convencer de que cá fóra uma outra vida menos contemplativa, menos semelhante á dos anachoretas, existia...

Mas, que lhe importava esse fausto tão decantado, esse constante ostentar, si aquella vivenda lhe ministrava a felicidade ? Si seus dias eram limpidos — sem nuvens que lh'os toldasse ? Si a orchestra da passaredo nas balsas — era uma musica sublime que lhe arrebatada, si as flôres nascidas a esmo e desenvolvidas sem o enfesado luxo das estufas davam-lhe o aroma de que precisava ?

Não ! Não trocaria a sua pela vida jactanciosa da cidade. Lá, onde passava os dias, tambem havia actividade, pois, alongando a vista assistia a lucta sem treguas do homem com a terra; lucta incessante, perenne; lucta muito mais gloriosa, porquanto, ao cabo do labor, contempla, satisfeito o lavrador, o fructo do seu trabalho.

Não se privaria, portanto, do seu viver; choraria até si se visse fóra de seus habitos; si, pela manhã, quando Phebo viesse espreital-a no quarto, não a encontrasse prompta á deixar o leito e a ir molhar os pés no orvalhado da gramma; a humedecer as mãos na mádida corolla das castas florinhas !

XISTO XIMENES

LIÇÕES DE PORTUGUEZ

I

USO DO VERBO HAVER

« Generalissimamente se erra hoje o emprego deste verbo que os nossos classicos não erraram uma só vez; e a unica razão porque se erra é o ignorar-se o que elle é, e o que significa.

Cuida-se que é um verbo neutro, e significa *existir*, quando em boa verdade é sempre verbo activo e significa sempre *ter*.

Quando dizemos: *ha ecusas, havia pessoas, houve republicas, haverá lances,*

haja festejos, fallamos classicamente, e não commetemos cousa a que se possa dar o injurioso nome de idiotismo, por que neste e outros semelhantes dizeres ha incontestavelmente uma ellipse, isto é: omittiram-se, por brevidade e elegancia, palavras que, logo que se restituam mentalmente á phrase, a tornam regularissima. Vejamos: *ha cousas* inteira-se assim: a vida *ha* ou *tem* *cousas*; *havia* *pessoas*, o mundo ou a terra ou o reino *havia* ou *tinha* *pessoas*; *houve* *republicas*, o mundo ou a antiguidade *houve* ou *teve* *republicas*; *haverá* *lances*, o mundo, o tempo, a fortuna ou a vida *haverá* ou *terá* *lances*; *haja* *festejos*, a terra ou o tempo ou a gente *haja* ou *tenha* *festejos*.

O verbo *haver*, neste e em todos os casos semelhantes, deve estar forçosamente no singular; pôl-o no plural é erro imperdoavel. A *cousa*, cuja existencia se quer significar, é completamente objectivo ou paciente, e não sujeito, agente ou nominativo, segundo o phraseado grammatical. O verdadeiro agente, sujeito ou nominativo é, como dito fica, um substantivo occulto, e que o discurso facilmente desencanta.

Agora, para melhor quietar a consciencia aos que julgarem isto novidade e trepidarem diante d'ella, notemos por derradeiro que este fallar não é exclusivo do portuguez; o mesmo corre no castelhano e o mesmo no francez.

Quando nesta ultima lingua se diz: *il y a des personnes; il y a eu des auteurs; il y aura des amusements; personnes, auteurs e amusements* são complementos do verbo activo *avoir*, que assim como o nosso *haver* é uma levisissima transformação (já o dissémos, porém vale repetir) do verbe latino *habere*, que não significa senão *ter*.

(*Estudinhos da lingua patria*, por A. da Silva Tullio).

PHANTASIA

AO NIVA

Tarde primaveril.

O sol, esta pyramidal esphera de luz ardente, desapparecia pouco a pouco no horisonte, deixando entretanto seus luminosos raios reflectiados pelo espaço além.

Bellissima era então a apothese que a mãe Natura nos apresentava.

O crepusculo, ténue resplendor de luz, descia sobre as magestosas cristas, do «Cambiréla», o qual situado ao fundo da formosa bahia sul da nossa pittoresca Florianopolis, mirava-se nas aguas, todo ufanoso da sua soberania, pois não ha no littoral catarinense outro morro tão elevado e importante como elle.

Graziella sentada, pensativa, em uma cadeira que ella propria levava para a frente de sua modesta habitação, pensava em mil coisas de amor, quando de subito divulgou na estrada cinco mancebos, os quaes se approximavam lentamente.

N'este momento Graziella sentiu em si um quê qualquer de anormal; notara que entre os cinco mancebos estava o seu querido e inesquecível noivo, que havia já muito tempo se achava ausente.

Elle tambem logo que a poudo conhecer e ter certeza de que evidentemente era a sua idolatrada noiva, a mulher de seus sonhos quotidianos, ficou de tal forma possuido, que deixando os seus bons companheiros correu em direcção a ella, que já o esperava quasi a desmaiar de prazer, porque ia estreitar em seus braços o homem a quem consagrava seus pensamentos e seus affectos mais santos.

Estreitaram-se longamente em um amplexo amoroso que só terminou á chegada dos companheiros do ditoso noivo.

As auras entoavam o hymno divinal do amor, e os passaros já tinham trinado o ultimo adeus á Natureza.

Anoitecera.

G. DE BRUXELLAS

XX—X—MCMVI

CAPITÃO DENTICE

Falleceu á semana passada, nesta capital, victimado por uma peritonite aguda, o estimado capitão-pharmaceutico do exercito sr. Luiz Bernardo Dentice, pai do nosso intelligente collaborador sr. Luiz Dentice Junior, a quem como a toda Familia Dentice reiteramos ás expressões do nosso profundo pesar.

No enterramento do infortunado capitão, O IDEAL se fez representar pelos seus redactores Clementino Britto e Godofredo Oliveira.

SEMPRE-VIVA

A' I. I. I. V.

Sempre-viva, —flôr purissima desabrochada aos primeiros alvares da madrugada, em tuas pequenas petalas cor de ouro existe a palavra: — Amor.

Sempre-viva, —flôr que te ostentas orgulhosa em tua haste, baseja-

da pela brisa das lindas manhãs de Novembro.

Sempre-viva, —flôr que nasce na solidão dos grandes jardins, acalentada pelo sussurro suave do zephyro que passa embalsamando tuas delicadas petalas.

Sempre-viva, —flôr que vives desprezada, e que, no entretanto, devias ser bem estimada, porque és a rainha das flôres.

Sempre-viva, —flôr linda, és a inveja de tuas companheiras, porque enquanto a chuva faz com que as outras cahiam esmorecidas de suas hastes, tu oh! sempre-viva, ergueste altiva e bella, para d'ahi a instantes receberes a luz ardente do sol.

Sempre-viva, —és, finalmente, a flôr encantadora, porque em tuas sensíveis petalas existem quatro palavras doces e meigas:

— Hei-de amar-te até morrer...

CHRYSOTHEMIS DA SILVA

Novembro—1906.

MORENA

A' Notolosto.

Era bella e encantadora a imagem que reinava no meu coração.

Quantas, e quantas noites passei sem poder conciliar o somno, pensando n'essa deusa do amor.

Era uma elegante moreninha de 17 annos de idade, de estatura regular, e bem feita de corpo; sua tez era de um moreno bellissimo; a sua physionomia imperiosa; cabellos pretos que cahiam em lindos anneis sobre as espaduas; seus labios tinham a cor purissima da rosa.

Eu estava louco de amores por essa moreninha.

Não havia um só momento que não chamasse pelo seu lindo nome; mas hoje não vejo essa encantadora imagem brilhar em meu coração, porque despresou-me, deixando, porem, em meu poder uma trancinha de seu lindo cabelo preto, que adoro como se fosse ella propria; quando a beijo, sinto a dor da saudade d'aquella imagem divina que já brilhou no céu da minha vida,—como brilha a estrella em uma noite de luar formoso.

SEMPRE-VIVA

27—11—906.

LIGA OPERARIA

Esta benemerita associação realisou, quinta-feira ultima, em sua sede social, uma sessão solemne para commemorar a fusão com a União dos Artista.

Aberta a sessão pelo presidente da

Liga Operaria, sr. João Benjamim Wendhausen, com a presença de grande numero de associados, exmas. familias e da sympathica S. M. Amor á Arte, foi lida a acta das negociações feitas para a fusão pelas commissões nomeadas por ambas as sociedades e proclamada em seguida pelo sr. presidente inaugurada a fusão.

Dada á palavra ao orador official da Liga, o nosso collega sr. professor Clementino Britto, produziu bella allocução referente ao acto que se commemorava.

Usaram tambem da palavra os srs. Joaquim Natividade e Silva e João Bittencourt Machado, que fizeram bellissimos discursos.

Ainda fallaram os srs. Antonio Joaquim Coelho, pela sociedade musical Amor á Arte e Clementino Britto, pela REFORMA e esta folha.

Em agradecimento fallaram os srs. Adalberto Ribas, João Wendhausen e Clementino Britto.

Encerrada a sessão foi servida lauta mesas de doces e bebidas, trocando-se ainda diversos brindes.

Agradecendo a directoria da Liga a gentileza do convite que nos dirigio fazemos votos para que com a fusão abra-se uma nova era de prosperidade para essa benemerita sociedade.

Album de postaes

Ao sr. JOSÉ DE ARAUJO COUTINHO

Os heróes não morrem, apenas adormecem na terra, para despertarem nas paginas da historia.

—
A intelligencia é o maior thesouro que se pôde adquirir sobre a terra.

—
A esperanza é o sustentaculo da existencia dos que soffrem.

—
A sabedoria é uma riqueza que só a morte pôde roubar.

—
Perder-se uma esperanza é envolver-se a alma na tunica cruel dos soffrimentos.

—
Ao PORTA JAYME LESSA

A inspiração é um sopro divino.

—
A lagrima é a prece dos desventurados.

A. RAMALHO

A COMPANHEIRA DE GARIBALDI

(UMA PAGINA DA HISTORIA CATHARINENSE)

1839

I

A esquadilha farrapa, ao mando de Garibaldi, comboiando os navios aprisionados á barra de Santos e á de Cananéa, aproou para o sul, em demanda da Laguna. Compunha-se a frota republicana do palhaborde *Seival* e escunas *Caçapava* e *Libertadora* (ex-*Itaparica*)—o primeiro commandado pelo italiano Lourenzo, a segunda por John Griggs e a terceira pelo almirante em chefe o colebre *condottieri*. Tinham partido de Juliana (nome que tivera a Laguna durante o dominio revolucionario) em a noite de 23 de outubro de 1839, em que o insigne marinheiro e soldado, tão arguto e arrojado general em terra, quanto leão temeroso e sanhudo nos descampados do mar, illudira e frustára toda a vigilância da esquadra legal que, sob as ordens do não menos intrepido marujo de guerra Frederico Mariath, bloqueava aquella barra.

A flotilha navegava á pôpa, com uma corda de nordeste que promettia aguentar, e cautelosamente vinha cósida com a costa, evitando amarrarse, porque a corveta *Regeneração* andava a cruzar ao largo e, nos dous dias anteriores, déra-lhe caça tenaz.

Garibaldi, aproveitando o vento, forçava velas para alcançar a Laguna com a maior brevidade, pois, ao deixar a cidade, constava já estar em marcha sobre ella, pelo caminho do littoral, uma consideravel columna do exercito, que, sob as ordens do general Andréa, então presidente de Santa Catharina, pretendia retomar a cidade, operando conjunctamente com a frota de Mariath. Com effeito, a nordestia aguentava e a divisão republicana, com as suas tres presas á frente, as claras velas enfunadas ao vento e a bandeira vermelha da revolução tremulando altivamente nos mastros, montava já a pontanorte da ilha catharinense, que o erudito Abreu Lima chamou a *chave do Brazil meridional*.

Mas, ao amanhecer do dia 2 de novembro, um navio da esquadra legal, o brigue-escuna *Andorinha*, se apresentou pela prôa e ousadamente, virou sobre a frota farrapa, então desfalcada da escuna *Caçapava*, desgarrada e perdida de vista na vespera, á noite, pela escuridão que reinava.

Havia muito mar. Os vagalhões, com grandes cristas, atropelavam-se em altos novellos roladores de espuma, na planura infundavel para oeste, n'uma nevoa azulada, entrevia-se como a mancha indecisa nas montanhas catharinenses da ilha. Para leste o desdobrar da vastidão atlantica, na linha deserta do horizonte.

(Continúa)

EPITAPHIO



Aqui jaz neste carneiro,
Varado por um espeto,
Aquelle que n'O IDEAL
Chamou-se Cleto Barreto.

G. de Bruzellas

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE DEZEMBRO)

CHARADAS NOVISSIMAS

AO AMIGO ADNON (em retribuição)

O Dr. Arrelia tem na cabeça um
mólho de palha—2, 1.

G. de Bruzellas

Tem amor ao medico hespanhol esta
mulher—2, 2.

Adnon

O lago é uma palavra latina que
fôrma uma divisão—2, 2.

O quadrupede come uma fructa da
arvore—1, 2.

Outr'ora o motivo do jugo era a
planta—1, 1, 1, 2.

Não Sei

O quadrupede é pequeno para ir a
villa—2, 2.

Pedroca

O prefixo é a medida do instrumen-
to—2, 2.

O canal é um auxilio na lagôa—1, 1.

O filho de Jacob é a variação do
homem—1, 1.

Sabugo

ANTIGA

Ao NIVA

Agradavel e formosa—2

E' por certo esta senhora—2

Que vae toda pressurosa

Na pharmacia entrar agora.

G. de Bruzellas

ENIGMAS

41001.
Instrumento.

10163501505.
Desastre.

1016.
Porto.

Plutão

5015000.
Dadiva.

11.
Doação.

100110001000.
Quadrupede.

Gaio

**LOGOGRIPOS
POR LETTRAS**

A' SENHORITA GLORIA SILVA

Entoava uma canção—6,4,5,6
Graciosa e bella dama.—3,2,1,6
Quando entrou para o salão—2,3,1,6,4
Pessoal de muita fama.—1,2,3,4,5,6

G. de Bruzellas

RAPIDOS

1-2-3 4-5-6
Rio. Dança.

Vasilha.

1-2-3-4 5-6-7-8-9-10
Jogo. Vasos.

Comilão

1-2-3-4 5-6-7-8-9
Mulher. Signal.

Adnon

CHARADA (*)

(Premio—POESIAS de Clarinda da Costa Si-
queira, um volume encadernado—ao pri-
meiro que mandar a decifração até quin-
ta-feira proxima, 6 do corrente).

Quando, saudoso e triste, o vento geme
Dos pinheirais na copa verdejante,
Eu bem vejo, bem vejo que ella tremo
Do vento ao forte sopro a cada instante—2

E então eu digo:—Oh! minha doce amada,
Mulher, entre as mulheres a mais bella,
Entre todas a mais idolatrada,
Tu és da minha vida a doce estrella!—2

Da natureza a obra mais perfeita—1
E's, mas não posso, oh! não casar contigo,
Pois teu pensar ao meu jámais se ageita,
E ambos nós correriamos perigo.

F. DOS ANZÓES

DECIFRAÇÕES

As do n. 27, são: Evocação—Pera-
ção—Pescocera—Maririco—Pango-
lino—Maacha—Nair, Adelina, Leove-
gilda, Maria, Marietta, Carlota, Jose-
pha, Aurora, Julieta, Isaura, Laura—
Ignez, Zenobia, Laura, Urbina, Esme-
ralda, Julieta—Violeta, Margarida, Ro-
sa, Angelica, Cravina, Narciso, Lirio,
Cravo, Papoula, Bogari, Saudade, Liz,
Goivo, Açucena, Sempre-viva, Dhalia,
Camelia, Esponja, Jasmim, Malmequer,
Malvaesco, Tulipa—Floriano, Lauro,
Horacio, Henrique, Juventino, Ante-
nor, Germano, Honorio, Prothenor,
Olintho, Celestino, Izidoro, Silvio—
Ergotina—Pego—Ega—Malo—Amor
—Hilda—Pata-roxa—Rosadouro—Sa-
ramago—Taracajá.

NOTA

A charada a premio não entra no
concurso.

Caloio

(*) Reproduzida por ter sahido com a nu-
meração fallhada.

**GABINETE TYPOGRAPHICO
NATIVIDADE**

48—RUA SALDANHA MARINHO—48